



# omnipotentes e invisíveis

As duas principais fantasias que alimentamos acerca daquilo que com probabilidade nunca nos acontecerá são, por ordem, ser onnipotente e ser invisível. Uma fantasia não é necessariamente uma coisa irracional. Pode haver método na loucura, e pode haver boas razões para preferir certas espécies de loucura.

Do ponto de vista da racionalidade das escolhas, faz mais sentido querer ser onnipotente que querer ser invisível. A uma pessoa onnipotente não está vedado o acesso às doses mais elevadas de saúde, dinheiro e amor; e terá outros benefícios marginais apreciáveis como a locomoção no espaço, o acesso irrestrito ao chocolate, e o dom da ubiquidade; ainda mais importante, pode durar para sempre, e durar para sempre como pessoa

omnipotente. E, claro está, pode ser invisível. Parece então que a escolha entre estas duas formas de loucura é ela própria uma escolha louca. A ninguém no seu perfeito juízo ocorreria escolher ser invisível quando se pode ser invisível e muito mais coisas escolhendo simplesmente ser-se onnipotente. Qual pode então ser a justificação para querer ser-se apenas invisível? Ocorrem-me várias razões, que talvez estejam ligadas. Uma pessoa onnipotente tem constantemente de querer fazer coisas e tomar decisões. Terá acesso irrestrito a chocolate, mas tem de *querer* ter acesso irrestrito a chocolate, e por isso de *decidir* querer ter acesso irrestrito a chocolate (mesmo que tudo se passe à velocidade da luz). Há o

risco de essa constante agonia de decisões confundir o próprio e provocar consequências no mundo: fará chuva ou sol por nenhuma razão particular, e montanhas de chocolate mudarão de sítio ao arrepio das mais elementares leis da física. Como se observou há muito tempo, onde há efeitos contraditórios não pode haver exactamente onipotência (e por essa razão Deus não pode causar efeitos contraditórios). Finalmente, uma pessoa onipotente, por causa dos efeitos da sua onipotência, tenderá a passar a sua vida, que no entanto pode ser eterna, como a maior parte das outras pessoas: a mostrar constantemente aos outros que existe. Mesmo que possa querer ser invisível, e por isso ser invisível, será sempre

invisível de uma maneira muito visível. Não é então realmente onipotente. Pelo contrário, uma pessoa apenas invisível não tem que querer ser nada; as suas decisões são as normais; nenhuma montanha muda de lugar; e ninguém repara nela. Pode ter uma vida com quase todas as limitações do costume. É verdade que algumas pessoas invisíveis se introduzem em quartos de terceiros e, liberalmente à noite, em lojas de doces. Mas essas são características operacionais da imaginação humana, que não eximem quem as tem ao sentimento da culpa ou à indigestão comum. Uma pessoa invisível é simplesmente uma dessas raras pessoas que não passa a sua vida a lembrar aos outros que é uma pessoa.

Miguel Tamen. Escritor

Escreve de acordo com a antiga ortografia



## **VIVEMOS UM GRANDE MOMENTO: É PRIMAVERA**

NA DIMENSÃO PESSOAL, STUART MILL trata do indivíduo e do seu florescimento pessoal e aponta-nos o quanto

encontrar amigos, uma profissão, ler, assistir a um espetáculo, viajar, conhecer o rumor redondo do mundo, tudo são encontros que nos acontecem e que nos serão guia para um aprofundamento único do que vivemos.

Mas as adversidades com que nos deparamos são também encontros: a doença, a morte, o envelhecimento, a desilusão como tudo o que nos sucede, faz parte de um reunir ao qual nós nos deveríamos adaptar sem obediência ou rejeição.

Ajudar-nos-á sempre um disciplinado e melhor conhecimento de nós próprios, do nosso poder, da nossa autocrítica, do nosso entender, do até onde poderemos ou conseguiremos ir.

Procurarmos para nós e para os outros uma comunidade de esforços que nos humanize pressupõe que tenhamos consciência da nossa inumanidade.

Encontramo-nos uns com os outros face a diferentes realidades é encontrarmo-nos também com a alegria, e como nos diz Espinosa «A alegria é a passagem de uma menor a uma maior perfeição.» e existem muitas características na Primavera que nos alertam para aspirarmos a desenvolver essa alegria que é parte de uma totalidade que nos incrementa a vontade de viver.

Para vivermos com a serenidade possível, o percurso não é o da obediência a normas morais, religiosas ou outras, nem é a sua rejeição, é um aprofundamento da nossa natureza e da nossa dignidade enquanto poder de escolher como viver.

Há sempre algo a conhecer na força exigente da Primavera, e não devemos entendê-la apenas como esperança pois ela vem de dentro do seu esforço, o que nos revela o quanto devemos agir e exigir e existir em ato.

Vivamos este grande momento: é Primavera! Ensaaiemos compreender o seu segredo pontual e imprescindível.

*Teresa Bracinha Vieira*  
19.03.25